

DRUMMOND E A EROTIZAÇÃO POÉTICA DO FEMININO

Nadilza M. de B. MOREIRA¹

“Oh! Sejamos pornográficos
(docemente pornográficos)”.
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O artigo proposto pretende analisar duas poesias de Carlos Drummond de Andrade: “No mármore de tua bunda” e “No corpo feminino, esse retiro”, ambas publicadas na coletânea, *O amor natural*, de 1992. O enfoque proposto tenciona deter-se no corpo erotizado da musa que tem por ícone as nádegas femininas, partes privilegiadas na representação erótica da mulher na cultura brasileira. Essa representação, erótica-textual, se dá tanto pela sonorização da linguagem poética, quanto pela representação semiótica trabalhada nos poemas selecionados. A análise se propõe, ainda, a marcar a visão machista do Eu lírico acerca do prazer erótico decorrente de uma falta, isto é: a ausência da voz feminina na construção sensual-sexual da erotização poética drummondiana.

PALAVRAS-CHAVE: erótico; pornográfico; mulher; representação.

Falar de erotismo e de representação cultural da mulher, particularmente na América Latina, reconhecidamente uma sociedade marcada pelo machismo, patriarcal em suas origens e carregando o ranço do autoritarismo nas relações de gênero, parece uma combinação provocadora. Esta afirmação, entretanto, carrega um sentido positivo, pois a temática proposta, o erotismo, possibilita a nós, mulheres, um espaço de reflexão acerca das imagens, dos encantamentos que têm sido construídos e impostos ao feminino, desde os tempos mais remotos. Ou seja, por vezes somos cantadas em verso e em prosa como musas inspiradoras; outras vezes, viramos bruxas irreverentes e atrevidas ao desconstruirmos a idealização do feminino, revelando relações insatisfatórias em diferentes níveis, ou, ainda, quando desvendamos os mitos culturais que nos colocaram, romântica ou perversamente, na subserviência e na passividade, submetendo-nos a uma imagem pré-fabricada de bondade, doçura, abnegação, que nos faz acreditar que precisamos negar a nós mesmas, sublimar, continuamente, nossos desejos para continuarmos a obra criadora da humanidade. São os mitos acerca do “eterno feminino”, portanto, um dos grandes responsáveis pelos conflitos de inadequação existentes entre os desejos femininos e as determinações culturais impostas às mulheres até os nossos dias.

Seguindo este princípio, o da representação literária, podemos afirmar que a literatura, enquanto memória, apresenta-se como um retrato, uma amostra de imagens construídas e plasmadas na cultura e no imaginário de uma sociedade no que concerne à concepção e a internalização de seus valores sócio-culturais. Sendo ela, portanto, o registro vivo de um povo e de uma época. Conseqüentemente, nada melhor do que os textos literários para exemplificarmos as múltiplas representações do feminino numa dada sociedade, particularmente os de autoria masculina, considerando o enfoque que se pretende dispensar a este ensaio.

Abordaremos, para uma demonstração, embora sucinta, da nossa proposta, dois poemas de Carlos Drummond de Andrade (1902-19870, “No mármore de tua bunda” e “No corpo feminino, esse retiro”, ambos publicados postumamente, 1992, na coletânea *O amor natural*. Destacaremos dos textos selecionados os elementos que conduzem ao nosso objetivo, realizando uma leitura

¹ Universidade Federal da Paraíba.

pessoal que seja, ao mesmo tempo, coerente com a operacionalização dos textos e com a proposta temática do trabalho.

Trazer Drummond, o poeta, o intelectual da modernidade e da vanguarda brasileira, para o espaço acadêmico dispensa justificativas. Entretanto, há duas delas que gostaria de realçar: primeiramente, o ano de 2002 marcou o centenário de nascimento desse poeta maior que, entre outros feitos, foi capaz de universalizar, poeticamente, o *Sentimento do Mundo*: "Tenho apenas duas mãos/e o sentimento do mundo, /mas estou cheio de escravos /minhas lembranças escorrem /e o meu corpo transige /na confluência do amor". (1982, p. 96). Essa constatação do eu lírico de que está impregnado do "sentimento do mundo", está marcada pela consciência de impotência diante da dolorosa consciência da realidade social, isto é, resta-lhe apenas "duas mãos e o sentimento do mundo".

A segunda razão importante para trazê-lo aqui, deve-se ao fato de que Drummond sempre cantou o amor em suas várias manifestações e dimensões: o humanitário, o fraterno, o solidário, o erótico, sendo este último objeto da nossa reflexão, ou seja, a construção poética drummondiana permeada por Eros. As publicações de Drummond da década de 80: *A paixão medida* (1980), *Corpo* (1984), *Amor, sinal estranho* (1985), juntamente com suas últimas entrevistas, já demonstram a insistência do autor sobre o erotismo conforme expressava: "Se a natureza humana preparou o ser humano para a realização plena do amor, não pode ser considerado normal, válido um tipo de amor que exclui as atividades inerentes ao ato de amar."²

Os poemas eróticos de Drummond, todavia, só foram publicados postumamente, pois houve uma forte relutância do autor em torná-los público. Por esse motivo, eles só se tornam conhecidos por iniciativa de seus herdeiros em 1992. As razões que levaram Drummond a postergar esta publicação não são motivo das nossas considerações. Entretanto, é interessante frisarmos que das 39 composições desta coletânea, *O amor natural*, apenas nove foram dadas ao conhecimento do público leitor, pelo próprio autor, e de forma esparsa. A maioria delas o poeta integrou em *Amor, amores*, antologia publicada em 1975; seis em *Amor, sinal estranho*; e as outras duas em revistas de consumo tipicamente masculinas, *Status, Ele & Ela* e *Homem*.

Segundo alguns críticos, Drummond se negava a publicá-los por escrúpulos quanto à possível repercussão desses poemas. Todavia, por ocasião do lançamento da segunda edição de *Contos plausíveis* (1985), interrogado sobre o destino de *O amor natural*, insistia em afirmar:

(...) eu não sei quando será. Nem mesmo se sairá. Ele está guardado na gaveta, sem pressa nenhuma. São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil - não sei se no mundo -, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação. Então, isso fica guardado para tempos melhores, em que haja uma possibilidade maior de ser lido, compreendido, e não ridicularizado ou atacado como se fosse coisa de velho bandalho...³

No depoimento reproduzido acima, dado pelo escritor, já está registrada a preocupação do poeta com os limites, as fronteiras entre o erótico e o pornográfico. E será o próprio Drummond quem definirá o que entende por erótico nos seus poemas: "...eles [os poemas] procuram *dignificar, cantar* o amor físico, ... sem nenhuma palavra grosseira, ... sem nada que choque o leitor." [ênfase nossa] (1985, p.31). Fica, portanto, evidente que o erótico drummondiano vai-se pautar pelo uso da

² REBELLO, Gilson. Drummond; o poeta fala do amor. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 15 set. 1984, p.3.

³ BARRERO, Mattos. Drummond; brinqueado de amar. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de set. 1985, p. 31.

sensibilidade e da sensualidade no trato com a linguagem, acrescido do cuidado de não constranger o leitor com expressões vulgares da linguagem coloquial.

Isto posto, acrescentamos que o erotismo se apresenta sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa. Melhor dizendo, ele tem uma conotação particular para homens e mulheres, e uma semiótica variadíssima quando pensamos o signo erótico imerso na cultura, na história e nos espaços de representação sócio-culturais. Ou seja, os sinais eróticos são ambíguos e têm uma recepção específica de acordo com o sexo, e um significado também próprio para grupos sociais e/ou indivíduos que vão decodificá-los de acordo com seus pertencimentos, sua herança étnica e sócio-cultural.

Na literatura, todavia, o erotismo surgiu para louvar *Eros*, deus da paixão, do amor, da força vital. O erotismo está presente desde os tempos remotos, como bem o comprova o texto bíblico, *Cântico dos Cânticos*: "[ela] Que ele me beije com os beijos de sua boca/ Teu amor é mais delicioso que o vinho; [ele]... a uma egüinha entre os carros do faraó /eu te comparo, minha querida /Belas são tuas faces... e teu pescoço..." (1,9,10)⁴. Neste pequeno fragmento já podemos perceber algumas diferenças estabelecidas através da linguagem metaforizada trocada entre o masculino e o feminino no segmento acima. Ela compara o amor ao sabor do vinho, ao prazer do beijo voluptuoso; ele, por sua vez, compara a mulher desejada a um animal, a uma égua, portanto, há uma imagem dupla no tratamento da mesma questão erótico-amorosa; isto é, na perspectiva romântico-erótica feminina a representação do Amor ancora-se na volúpia do sensorial, enquanto sob a ótica masculina há um processo de zoomorfização da amada.

Tomando como percepção erótica a diferença sensorial, sexual e cultural entre os sexos, podemos inferir que o erotismo feminino não tem o sexo como um fim em si mesmo, mas como um jogo que, sintonizado entre as partes, acrescenta-lhe uma dimensão sedutora de alegria e prazer de forma difusa e contínua.

Embora implique na intensificação da relação amorosa, o erotismo não tem por objetivo o ato sexual em si, mas a sua infinita gama de matizes sensuais que preside a intimidade entre os sexos. Caracteriza-se pelo despertar da excitação sexual e o seu conseqüente prolongamento, privilegiando o estado de desejo sobre o ato sexual consumado, de modo a envolver variadas etapas e nuances da sexualidade que poderão ou não culminar no ato sexual. Sendo assim, o erotismo passa a ser um valor em si, independente da realização última do impulso sexual.⁵

Será em torno dessas considerações acerca do erotismo que vou tentar delinear uma leitura dos dois poemas de Drummond, "*No mármore de tua bunda*" e "*No corpo feminino, esse retiro*".

No mármore de tua bunda

No mármore de tua bunda gravei o meu epitáfio.
Agora que nos separamos, minha morte já não me pertence.
Tu a levaste contigo (1994 p.41).

A leitura proposta aqui focaliza a imagem da "bunda", signo erótico feminino por excelência na cultura brasileira. Sua origem, certamente, está ligada ao processo de colonização e miscigenação do povo brasileiro que estabeleceu o negro como o símbolo da potência sexual e da virilidade em detrimento do europeu, colonizador branco e de carnes flácidas. No bojo da imagem do negro, aparece a figura emblemática da mulata, resultado da mistura das raças, com seus meneios, suas curvas sinuosas, as carnes rijas, as ancas protuberantes, provocando gingados que despertam a imaginação e o desejo, tornando-se um ícone sexual na tradição da cultura brasileira.

Uma vez internalizada como um dos símbolos mais fortes de prazer, a "bunda" feminina torna-se metáfora do desejo sexual masculino. Ao longo da história cultural brasileira, ela continua

⁴ BÍBLIA: mensagem de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

⁵ FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997. p.17.

presente no imaginário de gerações e gerações, estendendo seu significado erótico a todas as mulheres brasileiras independentemente da cor e da raça.

O poema, *No mármore de tua bunda*, aponta para essa polissemia de sentidos e fica enriquecido pela semiótica semântica cuja fusão vem dar corpo às afirmações do crítico Affonso Romano de Sant'Ana quando avalia o erotismo de Drummond, afirmando: "(...) as palavras [em *O amor natural*] copulam semanticamente"⁶. A cópula semântica, como pretendemos apontar, já se faz presente a partir dos títulos dos poemas aqui analisados.

O termo mármore, parte integrante do título deste poema, como se sabe, tem várias conotações que nos remetem, no poema em estudo, para imagens de brancura e de morte, associada a esta uma outra a de lápide (pedra em que se inscrevem os epitáfios), acrescente-se ainda a estas figuras de beleza, arte e escultura.

Associada ao vocábulo mármore, tanto no título quanto no primeiro verso do poema, o termo bunda se reveste de possibilidades polissêmicas, pois tanto pode ser lido como escultura, como obra de arte, por sua forma bem contornada; como uma peça branca cuja beleza seduz, portanto, objeto de desejo e como tal objeto de gozo. Mas também pode ser lido como símbolo de destruição, de morte. Após o gozo, o objeto de desejo, no caso a bunda, perde seu encanto.

Os versos seguintes, "Agora que nos separamos, minha morte já não me pertence / Tu a levaste contigo".(ls. 02/03), colocam o amor em confronto com a morte. Isto é, o EU lírico está ciente do poder exterminador da "bunda". Tal destino, no entanto, não o desencoraja, não o amedronta a prosseguir. Pelo contrário, mesmo havendo uma morte anunciada e grafada em primeira pessoa [eu gravei] na inscrição tumular [o meu epitáfio], o Eu lírico opta pelo gozo supremo, mediado pela ausência absoluta de auto pertencimento, pela entrega total de si mesmo: "(...) minha morte já não me pertence/ Tu a levaste contigo" (1994, p. 41).

Podemos afirmar, portanto, que nesse encontro poético entre o amor-desejante e a morte ambos se misturam e se completam numa interdependência. Ou seja, sem que houvesse o amor, a morte pelo gozo não existiria também, pois a satisfação orgástica só será atingida com a morte do amor-desejo, isto é, com o desejo realizado. Em suma, podemos afirmar que, desse modo, a bunda simultaneamente remete-nos para Eros e Tanatos.

Não podemos deixar de realçar no poema em tela a importância da idéia de tempo em movimento – passado(gravei)/presente(separamos/pertence)/passado(levaste) – explicitada pelo advérbio "agora" e pelas formas verbais separamos/pertence. Observe-se que os verbos de ação (gravar, separar e levar), dão amplitude à dinâmica erótica do gozo, a qual fica reforçada pelo jogo de aproximação/separação presente nos versos do poema.

A tensão erótica deste poema curto emana também da sua estrutura breve, a qual reforça a idéia de fugacidade e de intermitência, criando uma atmosfera contínua/descontínua, semelhante à intensidade e à brevidade do coito e do gozo orgástico.

No plano expressivo dos fonemas, chamamos a atenção para o uso recorrente da vogal oral /a/, em todos os versos. Este fonema sendo o mais sonoro, o mais livre do nosso sistema fonológico, traduz sons fortes, nítidos reforçando assim a idéia de: clareza e brancura que perpassa o poema, o que nos faz também pensar, associado à clareza, em alegria, prazer e à brancura em morte. Associações para as quais, como já mostramos, nos remetem os vocábulos mármore, bunda e epitáfio que podemos apontar como palavras-chave do poema.

Neste outro poema, *No corpo feminino, esse retiro* vamos dar continuidade à imagem erótica e polissêmica da "bunda" drummondiana, permeando o texto, erotizando o corpo da mulher e seduzindo o outro, simultaneamente.

⁶ SANT'ANA, Affonso Romano de. O erotismo nos deixa *gauche*? In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994, p.79-80.

No corpo feminino, esse retiro

No corpo feminino, esse retiro
 – a doce bunda – é ainda o que prefiro.
 A ela, meu mais íntimo suspiro,
 pois tanto mais a apalpo quanto a miro.

Que tanto mais a quero, se me firo
 em unhas protestantes, e respiro
 a brisa dos planetas, no seu giro
 lento, violento ...Então, se ponho e tiro

a mão em concha – a mão, sábio papiro,
 iluminando o gozo, qual lampiro,
 ou se, dessedentado, já me estiro,

me penso, me restauro, me confiro,
 o sentimento da morte eis que adquiero:
 de rola, a bunda torna-se vampiro.

O título do poema, *No corpo feminino, esse retiro*, anuncia que há no corpo feminino um lugar solitário, um retiro, destinado ao descanso, ao gozo. O primeiro verso do poema, “No corpo feminino, esse retiro”, repete e reitera o título do poema para então definir o local desse retiro: “ - a doce bunda –...” (l. 2). A repetição do título do poema no primeiro verso reforça e imprime no corpo da mulher a expectativa de prazer contínuo, a qual fica reforçada pela recorrência da vogal tônica /i/, “ feminino / esse retiro ...”, vogal própria para exprimir sons agudos e estridentes, como podemos constatar na ocorrência sistemática dos vocábulos que fecham os versos no poema: “retiro/ prefiro/ suspiro/ miro/ firo/ respiro/ giro/ tiro/ papiro/ lampiro/ estiro/ confiro/ adquiero/ vampiro”.

Observando, no poema, a disposição gráfica do fonema /i/, podemos inferir que, ao exprimir sons agudos o texto lírico constrói um significado erótico pelo ajuste dos sons, “... íntimo suspiro / ...mais a miro / ... mais a quero / ...me firo...”, pela disposição gráfica da vogal /i/ a qual abre uma espécie de fenda semiótica que corta os versos e as estrofes do poema de cima abaixo.

Dando continuidade a nossa abordagem sobre o potencial expressivo dos fonemas no poema em análise, registramos o efeito musical e rítmico do /r/ vibrante com a vogal átona /o/, na terminação repetida, /-iro/, nas palavras finais dos versos: “retiro/ prefiro/ suspiro/ miro/ firo/ respiro/ giro/ tiro/ papiro/ lampiro/ estiro/ confiro/ adquiero/ vampiro”. Este som vibrante, /r/, conjugado com o fonema átono /o/, que imita sons profundos, sugere idéia de morte, “o sentimento de morte eis que adquiero (...)” (l.13). Os sons expressivos cruzam o poema como um todo, imprimindo aos versos drummondianos uma cadeia sonora sensual, desencadeando uma sinestesia que possibilita a representação metafórica das nádegas, sinalizando, portanto, a presença marcante de uma atmosfera erótica-sexual construída na linguagem semiótica versegada: “Então, se ponho e tiro / a mão em concha – a mão sábio papiro, / iluminando o gozo, qual lampiro, (...)” (l. 08-10).

A imagem corpórea e sonora expressa pela linguagem poética possibilita ao Eu lírico qualificar as nádegas femininas como doces e apresentá-las como o lugar da anatomia feminina de sua preferência, “(...) – a doce bunda - é ainda o que prefiro” (l. 02). Ao cantar em versos esse recanto idílico e prazeroso do corpo feminino, o Eu lírico rende homenagens: “A ela, [a bunda] meu mais íntimo suspiro” (l.03); e prossegue seu canto reverenciando-a a cada novo verso.

Ao introduzir o advérbio de intensidade /mais/, “A ela, meu mais íntimo suspiro”(l.03), conjugado a locução adverbial “... tanto mais... quanto mais...” nas linhas quatro e cinco do poema, acrescido da repetição dos sons /o/, /ã/, constrói-se, nos versos seguintes, uma cadência rítmica crescente que sinaliza o desejo em processo pelo: “... giro,... lento, ... violento...” da bunda, pela presença da vogal /o/ em posição final e no interior de diferentes versos, evocando, metaforicamente, a forma arredondada das nádegas, criando, assim, um parentesco de rimas interna

e externa que têm, neste caso, um grande efeito musical e denotativo, imprimindo ao texto poético um significado sensual/sexual, o do coito.

A imagem da "mão em concha" que "tira e põe", na terceira estrofe, serve para desencadear a voluptuosidade crescente e intermitente do ato sexual, expressa nos versos: "Então, se ponho e tiro/ a mão em concha (...) / iluminando o gozo (...) / dessedentado, já me estiro, (...)" Essa representação da volúpia fica mais forte com o termo "dessedentado" que nos remete para a idéia de saciado, farto.

A plenitude do gozo consumado assinalada pelo termo "dessedentado" é seguida do "... sentimento de morte" expresso pela constatação do Eu lírico de que, "... de rola, a bunda torna-se vampiro". Ou seja, de símbolo de realização amorosa (Ave de Afrodite) passa a símbolo de morte, de destruição (vampiro). Mais uma vez temos Eros e Tanatos.

Podemos fechar essa leitura, dizendo que a poética drummondiana erotiza o corpo feminino a partir de uma perspectiva masculino erótica centrada na "bunda" revelando a força dessa parte da anatomia feminina, como símbolo de sedução no imaginário cultural masculino.

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Trad. Elia Edel. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- _____. *Antologia poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- BARBOSA, Rita de Cássia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios)
- _____. *Carlos Drummond de Andrade: literatura comentada*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BARRERO, Mattos. Drummond; brinquedo de armar. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º de setembro, 1985. p. 31.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BÍBLIA: mensagem de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- FRANCONI, A. Rodolfo. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.
- MORAIS Neto, Geneton. *O dossiê Drummond*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1994.
- REBELLO, Gilson. Drummond: o poeta fala do amor. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 15 de Setembro, 1984. p.3.